

Resiliência em Adolescentes: produção da investigação em Portugal

Autores

Manuela Amaral-Bastos*

Apresentadores

Manuela Amaral-Bastos*

Introdução: O conceito de resiliência na área da saúde emergiu nos anos 80. Desenvolveu-se em 3 níveis de pesquisa: identificação dos fatores de risco e de proteção pessoais, familiares e ambientais; a resiliência como processo dinâmico; bases biológicas da resiliência. O conceito tem vindo a complexificar-se ao longo dos anos, na medida em que integra os resultados da investigação que vai sendo produzida.

Objetivos: Este trabalho tem como objetivo fazer uma revisão da investigação produzida em Portugal sobre resiliência em adolescentes.

Metodologia: A pesquisa foi efetuada no RCAAP em agosto de 2011 sem qualquer limite temporal. Utilizaram-se como descritores, em título, Resiliência e Adolescentes ou Jovens ou Crianças. Foram identificados 226 estudos. Efetuamos a pesquisa na Scielo Portugal em setembro de 2011. Utilizamos como descritor Resiliência e obtivemos 7 resultados. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão definidos, selecionamos 14 estudos. No decorrer da revisão da literatura foram elaboradas fichas de leitura e criada uma base de dados em excel que permitiu tratar os dados e elaborar gráficos e tabelas.

Resultados: Incluídas 5 dissertações de mestrado, 2 teses de doutoramento, 5 artigos, 2 publicações de congressos. Os primeiros estudos são de 2007 e os últimos de 2010, situando-se a maioria entre 2009 e 2010. Excetuando um, todos os estudos foram desenvolvidos em contexto académico. Quanto às características dos estudos, 10 utilizam método quantitativo, 2 qualitativo e 2 misto. Foram agrupados por temáticas: fatores de proteção (5), fatores de vulnerabilidade (4), projetos promotores de resiliência (2) e ferramentas de investigação (3). Dez estudos utilizaram método quantitativo, dois qualitativo e os restantes misto. Foram maioritariamente desenvolvidos em meio escolar (11). Os que utilizaram método quantitativo e misto fizeram uso de múltiplas escalas para a recolha de dados. Relativamente à idade dos participantes nas amostras, verificamos uma discrepância significativa (6-25 anos). A designação de adolescentes, utilizada de forma não consensual, fornece investigações com estas disparidades. Decidimos incluir estudos com número significativo de adolescentes, apesar de nas extremidades existirem crianças ou jovens.

Conclusões: Os participantes pertenciam a faixas etárias díspares e os métodos utilizados foram diferentes, o que não permite generalizar nem comparar os resultados encontrados. Verificamos que a Resilience Scale foi utilizada por diversos autores, recorrendo a versões portuguesas diferentes. Destaca-se a importância de promover fatores de proteção e de que os adultos que lidam com estes utentes sejam tutores da resiliência. Apenas um artigo assinado por enfermeiros integra este conjunto de estudos. Contudo, a enfermagem dispõe de um campo de ação privilegiado para a promoção da resiliência pessoal e familiar pelo que é importante difundir este conceito e participar na investigação.

Palavras-chave: Resiliência, adolescentes, processo, fatores risco, proteção.

Referências bibliográficas (max. 4 - Norma APA): Anaut, M. (2005). A resiliência: Ultrapassar os traumatismos. Lisboa: Climepsi. Grotberg, E. (2004). Nuevas tendencias en resiliencia. In Paidós (Ed.), Resiliencia: Descubriendo las propias fortalezas (pp. 19-30). Buenos Aires. Souza, M., Cervený, C. (2006). Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. Revista Interamericana de Psicologia, 40(1), 119-126. Taboada, N., Legal, E. & Machado, N. (2006). Resiliência: Em busca de um conceito. Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum, 16(3), 104-113.